

O processo de transformação do futebol como elemento da identidade nacional brasileira

The Transformation Process of Football as an Element of Brazilian National Identity

Guilherme Silva Pires de Freitas

Universidade de São Paulo, São Paulo/Brasil
Mestre em Filosofia, USP
gui_sp_freitas@yahoo.com.br

Luiz Gonzaga Godoi Trigo

Universidade de São Paulo, São Paulo/Brasil
Doutor em Educação, UNICAMP

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o processo de transformação do futebol como elemento da identidade nacional brasileira. A modalidade transformou-se em paixão e patrimônio nacional na primeira metade do século XX, consolidando-se principalmente entre as décadas de 1930 e 1950. Neste período, o futebol brasileiro foi utilizado como instrumento político durante o Estado Novo, causou forte comoção nacional após a derrota para o Uruguai na final da Copa do Mundo no Maracanã em 1950 e, finalmente, atingiu sua consagração com o título mundial em 1958. Após a conquista da Taça Jules Rimet os brasileiros assumiram de vez esta prática esportiva como parte de sua identidade nacional, fortalecendo ainda mais a expressão que o Brasil era o “país do futebol”.

PALAVRAS-CHAVES: Futebol brasileiro; Identidade nacional; Copa do Mundo; País do futebol.

ABSTRACT: This article aims to analyze the transformation process of football as an element of Brazilian national identity. The sport became a passion and national heritage in the first half of the twentieth century, consolidating itself mainly between the 1930s and 1950s. During this period Brazilian football was used as a political instrument during the Estado Novo, caused a great national commotion after the defeat to Uruguay in the World Cup final at Maracanã in 1950 and finally reached its consecration with the world title in 1958. After winning the Jules Rimet Cup, Brazilians took over this sport once and for all as part of their national identity, further strengthening the expression that Brazil was the “Country of Football”.

KEYWORDS: Brazilian Football, National Identity, World Cup; Country of Football.

INTRODUÇÃO

Sem dúvida nenhuma, o futebol é um dos símbolos mais vívidos da brasilidade. A rica história construída em mais de um século através de seus craques e a inconfundível camisa amarela da seleção fazem do futebol brasileiro um forte componente da identidade nacional. Este processo de construção de identidade será o assunto a ser tratado neste artigo, porém, antes de seguirmos para o tema central da pesquisa, será apresentada uma breve introdução sobre os primórdios do futebol no Brasil desde sua chegada no fim do século XIX até seu processo de profissionalismo.

O futebol chegou ao Brasil no final do século XIX e, em um curto espaço de tempo, se popularizou, deixando de ser uma atividade amadora e privilégio das elites locais para tornar-se um espetáculo de massas. A modalidade conquistou multidões e transformou-se em um forte elemento de identidade nacional e sinônimo do Brasil aos olhos do mundo com o passar do tempo.

É atribuído a Charles Miller, filho de um engenheiro escocês radicado em São Paulo, o título de precursor do futebol no país. Após regressar de uma viagem à Inglaterra com uniformes, bolas e um livro de regras em 1894, Miller passou a difundir a modalidade na cidade de São Paulo.

Porém, existem outras versões de como o futebol foi introduzido no Brasil. Há relatos de marinheiros ingleses terem disputado uma partida próximo à residência da Princesa Isabel no Rio de Janeiro, em 1878,¹ de práticas do jogo em colégios, em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, na década de 1880² e de um amistoso entre funcionários de companhias inglesas na cidade de Belém, no Pará, em 1890.³

O fato é que o futebol em seus primórdios no Brasil sempre foi uma atividade reservada à elite. Neste período, assim como em sua origem na Inglaterra, apenas os *sportsmen* podiam jogá-lo. Eles viam na modalidade uma prática nobre e onde se jogava por amor, pelo o status social, pelo *fair play*, e como

¹ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 61.

² FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 62.

³ GAUDÊNCIO. *Football suburbano e festivais esportivos: lazer e sociabilidade nos clubes de subúrbio em Belém do Pará (1920-1952)*, p. 99.

forma de diferenciação social, além de o esporte ser capaz de formar o caráter de seu praticante.⁴ A prática esportiva também fazia com que seus jogadores conseguissem alcançar um maior autocontrole e, dessa forma, equilibrar seus sentimentos, correspondendo ao chamado processo civilizador de Nobert Elias e Eric Dunning.⁵

Porém, o futebol não ficou refém da elite aristocrática. O Brasil, entre o fim do século XIX e início do século XX, ainda dependia de uma economia agrária e convivia com uma grande desigualdade social. Mas o futebol, com suas regras simples e podendo ser jogado praticamente em qualquer terreno, atraiu a atenção das camadas mais pobres da sociedade, como os operários de fábrica e os negros, que demonstraram interesse em praticar a novidade:

As fronteiras sociais do futebol começaram a ser transportadas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade ao mimetismo. Sem equipamentos adequados e jogando com bolas desgastadas e mesmo improvisadas, em terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais.⁶

Desta forma, a modalidade deixou de ser um privilégio dos *sportsmen* da elite e passou a ser praticada pelas classes mais populares. Em São Paulo, aconteciam os torneios na várzea com times formados por operários em campos de terra, e no Rio de Janeiro criou-se uma rivalidade entre o subúrbio, onde brancos, negros e pobres atuavam nas mesmas equipes, contra os clubes de elite da zona sul carioca, que repudiavam o fato de operários jogarem contra membros da aristocracia local.⁷

Fora do eixo Rio-São Paulo, o futebol também se fez presente nas camadas mais populares. Em Porto Alegre, foi disputada entre as décadas de 1910 e 1920 a Liga das Canelas Pretas, um campeonato que reunia apenas equipes e atletas negros que eram excluídos pelos clubes tradicionais da cidade. Inclusive, a

⁴ BOURDIEU. *Questões de sociologia*, p. 187.

⁵ ELIAS; DUNNING. *A busca da excitação*, p. 97.

⁶ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 63-64.

⁷ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 43.

temporada da liga começava sempre no dia 13 de maio, em alusão ao dia da abolição da escravatura.⁸

Com o futebol cada vez mais popular no Brasil, a profissionalização passou a ser discutida. Os clubes davam aos jogadores negros e de classe mais baixa algumas gratificações após vitórias ou títulos, prática que ficou conhecida popularmente como bicho. Porém, as mesmas agremiações ainda resistiam em aceitar a ideia da profissionalização. Temia-se que a “pureza” do jogo fosse perdida ao ceder mais espaço às classes subalternas. Esses atletas, além de enxergarem no futebol uma oportunidade para a prática esportiva, já que outras, como a capoeira, haviam sido proibidas pela polícia,⁹ também visualizavam uma ascensão social através do esporte com a possibilidade de ganhar mais dinheiro como atletas profissionais. O debate pelo profissionalismo durou muitos anos e gerou brigas entre clubes, federações e dirigentes, mas foi ratificado em meados da década de 1930, tornando-se um grande sucesso de público e despertando a atenção das autoridades que passaram a utilizá-lo como ferramenta política, principalmente durante o Estado Novo.

O FUTEBOL NO ESTADO NOVO E O PERTENCIMENTO “DE SER BRASILEIRO”

Em 10 de novembro de 1937, o presidente Getúlio Vargas implantou no país o Estado Novo, um regime político autoritário com características ditatoriais e marcado pela centralização do poder. Diversos segmentos sociais foram utilizados pelo governo em uma tentativa de criar-se um plano de integração nacional, entre eles o futebol.¹⁰

Mas esta integração nacional através da bola sofreu com as constantes desavenças entre paulistas e cariocas, as principais federações estaduais da época e que disputavam a hegemonia na seleção brasileira. Devido a brigas envolvendo dirigentes dos dois estados, o Brasil não enviou sua melhor equipe a primeira edição da Copa do Mundo em 1930.

⁸ MASCARENHAS. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre, p. 150.

⁹ SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 25-26.

¹⁰ MASCARENHAS. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*, p. 149.

Maior artilheiro da época, o paulista Arthur Friedenreich acabou ficando de fora da seleção que foi ao Uruguai. O time, composto apenas por atletas de clubes cariocas,¹¹ foi eliminado ainda na primeira fase. Quatro anos depois uma nova briga aconteceu. Desta vez a divergência era entre os adeptos do amadorismo e os do profissionalismo. Novamente o tumulto nos bastidores prejudicou o time em campo, que terminou a Copa apenas na 14ª colocação.

Com duas participações ruins nas duas primeiras edições do Mundial, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), resolveu agir. A entidade responsável pela modalidade no país tratou de evitar que problemas entre dirigentes prejudicassem novamente a equipe nacional. Com o profissionalismo vencendo a queda de braço contra o amadorismo e já reconhecido no país, a CBD convocou os melhores jogadores de clubes paulistas e cariocas para um longo período de treinos no interior de Minas Gerais antes da viagem para a Copa do Mundo de 1938 na Europa.

A seriedade com que a CBD tratou o Mundial foi elogiada pela imprensa. O governo federal se mobilizou financeiramente para ajudar a equipe, enxergando na seleção um instrumento vital para a tão desejada integração nacional do Estado Novo. No dia do embarque a Paris, a delegação foi recebida pelo presidente da República que desejou pessoalmente boa sorte aos atletas e recomendou que voltassem para casa como campeões mundiais, já que o título seria de grande importância para o futuro do Brasil.¹²

Para muitos Vargas agia como mais um torcedor da seleção, mas seu ato também tinha claros objetivos políticos. Ao dizer que o título seria de suma importância para o país, o presidente visualizava não só a chance de elevar o nome do Brasil no exterior, como também de fortalecer sua popularidade.

O ato de Vargas em encontrar pessoalmente os jogadores, também passou a ser uma estratégia repetida por outros futuros presidentes que antes de grandes competições esportivas como Copas do Mundo de futebol e Jogos Olímpicos, recebem

¹¹ A exceção foi Araken Patusca que estava brigado com o Santos e integrou a seleção, desobedecendo ordens de dirigentes paulistas. Foi inscrito como jogador do Flamengo no Mundial.

¹² SOUZA. *O Brasil entra em campo!: construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*, p. 63.

os atletas antes da viagem para lhes desejar boa sorte e em caso de vitórias, recepcioná-los como heróis nacionais buscando associar suas imagens aos esportistas.

Dentro de campo a seleção fazia uma ótima campanha, ganhando jogos e avançando de fases. No Brasil, além dos textos dos jornais impressos, as partidas passaram a ser transmitidas através das emissoras de rádio que promoveram programas de debate e análise pós-jogo. E imagens das disputas na França chegavam com alguns dias de atraso as salas de cinema. Essa cobertura jornalística ajudou a massificar o alcance do futebol no território nacional, já que estas ações não se restringiam ao eixo Rio-São Paulo. Há relatos na imprensa da época que grandes capitais como Recife, Belo Horizonte, Fortaleza e Porto Alegre viveram intensamente durante as partidas, com repartições públicas e comércio sendo fechados durante os jogos.¹³

Neste momento a seleção tornava-se de fato nacional, já que os brasileiros de diversas regiões do país passavam a adotar o *scratch* como algo seu. Algo que lhe pertencia. Até porque parte das despesas da viagem foi bancada pelos torcedores que compraram selos comemorativos aderindo a “Campanha do Selo”, estratégia promovida pela CBD que tinha como lema “*ajudar o scratch é dever de todo o brasileiro*”.¹⁴

O Brasil encerrou a Copa na terceira colocação. Nem mesmo a derrota na semifinal para a Itália desanimou os torcedores que foram recepcionar os jogadores em seu retorno ao país. A delegação fez duas paradas estratégicas em Recife e Salvador antes de aportar no Rio de Janeiro. Nas três cidades os atletas foram saudados e festejados pelo povo.

Leônidas da Silva, o grande artilheiro do Mundial, foi carregado nos ombros ao chegar ao Rio. O povo enxergava no craque da equipe características do que era realmente “ser brasileiro”.¹⁵ O atleta tornou-se então uma estrela de cunho popular, ganhou apelido e virou garoto-propaganda do chocolate Diamante Negro, passando a ser considerado por cronistas da época como um

¹³ NEGREIROS. Copa de 1938: rádio, festas nas ruas, cinema: torcendo pelos bravos legionários.

¹⁴ PEREIRA; LOVISOLO. 1938: O nascimento mítico do futebol-arte brasileiro, p. 41.

¹⁵ SOUZA. *O Brasil entra em campo!: Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*, p. 144.

exemplo bem sucedido da miscigenação no Brasil,¹⁶ mesmo com sua personalidade rebelde e irrequieta.¹⁷

O papel da imprensa também foi fundamental para popularizar o futebol. O tom muitas vezes ufanista, exaltando o estilo de jogo e buscando através da modalidade aclamar as qualidades de um país sem divisões e disparidades sociais e raciais, agradava ao Estado Novo que queria justamente criar este fator de união nacional.

Durante o Mundial de 1938, intelectuais passaram a comentar o desenrolar dos jogos. O sociólogo Gilberto Freyre escreveu na edição do Diário de Pernambuco do dia 17 de junho de 1938 o texto “Foot-ball Mulato”, que se tornou um clássico da crônica esportiva. No texto Freyre exaltava a miscigenação de raças no Brasil como fator de identidade e afirmava que a seleção só chegou a semifinal devido ao time contar com muitos negros e mestiços. O autor elogiava ainda o estilo dionisíaco e próprio de jogar bola¹⁸, afirmando que o brasileiro tinha algo de capoeira e dança, adotando o jogo: “Freyre começa a definir de tal maneira o estilo brasileiro que é possível perceber como a análise do futebol pode contribuir para a compreensão de nossa identidade cultural. Pois ele vai buscar nas raízes da cultura negra as razões de ser desse estilo”.¹⁹

Neste período houve uma mudança no conceito de raças no Brasil. Ideias tidas como eugenistas e racistas passavam a ser substituídas por uma visão mais simpática a mestiçagem e ao mito das três raças (branco, negro e mestiço) que Freyre e Sergio Buarque de Hollanda defendiam em seus trabalhos. Isso permitiu que essas novas teorias se tornassem únicas, encobrindo conflitos raciais e possibilitando que todos se reconhecessem como nacionais.²⁰

O governo de Getúlio Vargas também colheu frutos devido à boa participação do Brasil na Copa de 1938. O presidente fazia questão de acompanhar os jogos da equipe através do rádio e recebia telegramas de torcedores o parabenizando pelas vitórias da seleção. Sua filha Alzira Vargas, nomeada

¹⁶ ANTUNES. “Com brasileiro não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues, p. 65.

¹⁷ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 191.

¹⁸ PEREIRA; LOVISOLO. 1938: O nascimento mítico do futebol-arte brasileiro, p. 49.

¹⁹ BARRETO. Gilberto Freyre e o futebol-arte, p. 235.

²⁰ ORTIZ. *Cultura brasileira e identidade nacional*, p. 41-44.

madrinha da equipe, também recebeu mensagens de felicitações. O sentimento de união nacional e pertencimento da população foram saldos positivos ao governo que viu como acertada a tática de apostar na seleção como um instrumento para celebrar a unidade nacional.²¹

O método de usar o esporte, e principalmente o futebol, como instrumento político não foi algo que apenas Vargas usufruiu. Outros líderes contemporâneos do presidente brasileiro também se utilizaram dessa estratégia. Benito Mussolini se aproveitou das conquistas da seleção italiana bicampeã mundial para popularizar seus ideais fascistas. Adolf Hitler apoiou-se nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 para fazer propaganda global da ideologia nazista. Outros ditadores como Francisco Franco na Espanha e Antonio Salazar em Portugal também se aproveitaram para ligar ao futebol a seus regimes totalitários. No Brasil a fórmula seria novamente utilizada em outros momentos, principalmente durante a ditadura militar.

Devido a essas atitudes populistas, críticos do futebol passaram a classificar a modalidade algo utilizado para desviar a atenção popular de assuntos importantes. O filósofo Herbert Marcuse, por exemplo, considerava o esporte como uma ferramenta de alienação para distrair as camadas populares e dar-lhes subtítulos de satisfação.²²

Após a Copa do Mundo de 1938, o governo Vargas continuou dando atenção para o esporte. No dia 14 de abril passou a vigorar o decreto Lei nº 3.199 criando o Conselho Nacional de Desportos (CND), entidade estatal que passou a orientar, fiscalizar e incentivar a prática esportiva em todo o país. O decreto visava desenvolver o amadorismo como prática educativa e vigiar o profissionalismo para mantê-lo dentro dos princípios morais.

Entre estes princípios, estava à censura das mulheres a prática esportiva. A nova lei as proibiam de praticarem esportes que fossem “incompatíveis com as condições de sua natureza”, caso do futebol. Apenas em 1983 essa lei foi revogada e elas puderam jogar futebol profissionalmente. Na prática o que estava havendo era uma espécie de oficialização do esporte nacional, já que o CND podia decidir

²¹ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 81.

²² MARCUSE. *Cultura e Sociedade*, p. 183.

quanto à participação de delegações em jogos internacionais e fiscalizar a constituição das mesmas.²³

Com a eclosão da II Guerra Mundial o futebol ficou em segundo plano e as edições de 1942 e 1946 da Copa do Mundo foram canceladas. A seleção brasileira disputou apenas competições continentais e partidas amistosas contra rivais sul-americanos. Ao mesmo tempo o esporte se popularizava no país, aumentando interesses comerciais e a promissora indústria do entretenimento urbano que motivaram a construção de novos ou ampliação de estádios.²⁴

Após a guerra o Brasil lançou-se candidato e foi eleito como sede da Copa do Mundo de 1950. Sedar o Mundial de futebol seria uma ótima oportunidade para aparecer no cenário internacional e mostrar-se ao mundo como o país do futuro, onde pessoas de diversas etnias esqueciam suas diferenças e conviviam de forma pacífica formando uma nação nova e homogênea.²⁵

O MARACANAZO E A FRUSTRAÇÃO “DE SER BRASILEIRO”

A Copa do Mundo de 1950 representava muito mais do que sediar um grande evento esportivo. Para o governo, que tinha o militar Eurico Gaspar Dutra como presidente, era um momento propício para uma afirmação nacional que marcaria o início de uma nova era onde o mundo conheceria um Brasil moderno e pujante, o país do futuro idealizado por Zweig. A construção do Maracanã especialmente para o evento, um gigante com capacidade para 200 mil pessoas e considerado de maior estádio do mundo na época, era prova deste pensamento ufanista. Para a seleção o torneio representava uma importante oportunidade para se firmar como uma das melhores equipes do mundo. E para a população o clima do Mundial, com a ideia de um Brasil poderoso e um time imbatível, simbolizava tudo que a sociedade queria alcançar naquele momento.

Assim como em 1938, os brasileiros foram ao delírio com sua seleção. Os estádios do Maracanã e do Pacaembu, onde a equipe atuou, estiveram sempre

²³ BRASIL. Decreto n. 3.199, de 14 de abril de 1941.

²⁴ MASCARENHAS. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*, p. 114.

²⁵ ZWEIG. *Brasil, um país do futuro*, p. 18.

lotados. Através do rádio milhões de brasileiros acompanharam o desenrolar das partidas e um clima de euforia tomou as ruas do país. Com um time recheado de ótimos jogadores, o Brasil era o principal favorito ao título. Até a última partida, a seleção brasileira era dona da melhor campanha e bastava um empate no jogo decisivo contra o Uruguai para conquistar a taça. Porém, os favoritos foram surpreendidos por uma aguerrida seleção uruguaia que venceu de virada por 2 a 1.

A derrota em pleno Maracanã no dia 16 de julho foi um duro golpe para os brasileiros, mergulhando o país em uma profunda melancolia. O gol de Ghiggia aos 34 minutos do 2º tempo deixou 200 mil pessoas em silêncio nas arquibancadas. O revés ficou conhecido como *maracanazo* e doeu tanto na alma do povo brasileiro que muitos definiram a derrota como a pior tragédia da história do Brasil:

Primeiro porque implicou numa coletividade e trouxe uma visão solidária da perda de uma oportunidade histórica. Segundo, porque ela ocorreu no início de uma década na qual o Brasil buscava marcar o seu lugar como nação que tinha um grande destino a cumprir. O resultado foi uma busca incansável de explicações e responsabilidades para essa vergonhosa derrota.²⁶

O desenrolar da final da Copa também foi um trauma para uma geração de jovens e crianças presentes ao Maracanã naquela tarde. Um deles era o comunicador Jô Soares que relatou décadas depois assimilar o resultado com o “fracasso de ser brasileiro”:

Eu saí chorando. Meu pai ficou triste, mas achou curioso e até um pouco engraçado um menino de doze anos ficar emocionado e chorar assim aos borbotões, por causa de um jogo de futebol. Pra mim aquilo não era um jogo de futebol, era a minha primeira afirmação do Brasil como primeiro em alguma coisa.²⁷

O frustrante desfecho da Copa do Mundo gerou nos brasileiros um sentimento de inferioridade. Antes do Mundial havia uma negatividade de que o Brasil era um país onde nada dava certo. A válvula de escape para esquecer esse desgosto era o futebol. Além de paixão nacional, a modalidade também era uma

²⁶ DA MATTA et al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, p. 31.

²⁷ NOGUEIRA; SOARES; MUYLEAERT. *A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*, p. 69.

justificativa para uma afirmação nacional e um espaço onde o brasileiro mostrava seu valor e encarava outros países de igual para igual.

Até os dias de hoje ainda se busca entender o que aconteceu para o Brasil perder aquela partida. Há quem culpe o goleiro Barbosa e o lateral Bigode por terem falhado no lance decisivo. Os jogadores, ambos negros, foram considerados bodes expiatórios e carregaram o estigma de culpados até o fim de suas vidas. Barbosa, inclusive, afirmou certa vez estar pagando por um crime que jamais cometeu.²⁸

Outros culpados pelo revés seriam os políticos e dirigentes da época que enalteciam os atletas como “futuros campeões mundiais”.²⁹ E ainda alguns citam que o tom ufanista e altamente otimista da imprensa, além de canções como a “Marcha do scratch brasileiro” composta por Lamartine Babo ajudaram a fazer com que o Brasil entrasse em campo já se sentindo campeão antes da bola rolar. Para o jornalista Mário Rodrigues Filho, a marchinha “Touradas de Madri” entoada pelos torcedores na goleada do Brasil sobre a Espanha no penúltimo jogo, ajudou a criar um clima de oba-oba antecipado.³⁰

Outras marcantes derrotas do Brasil em Copas do Mundo, como os 3 a 0 para a França na final de 1998 e o acachapante 7 a 1 da Alemanha na semifinal de 2014 em pleno Mineirão, não tiveram o mesmo peso que o *maracanazo*. Sem dúvida foram atuações vexatórias e que muitos jamais esquecerão, mas nas duas situações o Brasil já tinha uma história consolidada no futebol.

O duro revés de 1950 foi mais traumático para o brasileiro, que havia criado uma forte identificação, expectativa e vínculo com aqueles jogadores. Até mesmo quem não acompanhava ou gostava de futebol sentiu o baque da derrota. Naquele momento os jogadores e torcedores se fundiam em um só personagem, como se fizessem parte de uma comunidade imaginada como a idealizada por Benedict Anderson onde todos viviam em uma comunhão mesmo sem conhecer todos os seus membros.³¹

²⁸ GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 94.

²⁹ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 90.

³⁰ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 289.

³¹ ANDERSON. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, p. 32.

Após o *maracanazo* a seleção brasileira conquistou o título mundial cinco vezes e o país enfim adquiriu prestígio internacional que tanto almejava. Mas a derrota em 1950 fez o brasileiro duvidar do futuro do país e se perguntar quando enfim ganharia o respeito do mundo?

DO COMPLEXO DE VIRA-LATAS AO ORGULHO “DE SER BRASILEIRO”

Poucos meses após a Copa do Mundo de 1950, Getúlio Vargas voltou ao poder. Desta vez através do voto, já que venceu as eleições presidenciais para suceder Dutra. Ao longo de um mandato turbulento e sentindo-se pressionado por setores políticos, militares e empresariais, se suicidou no dia 24 de agosto de 1954 e seu mandato foi completado pelo vice Café Filho. Em 1955 Juscelino Kubitschek seria eleito presidente com o lema “*cinquenta anos em cinco*”, prometendo um ambicioso plano de governo que modernizaria o Brasil e aumentaria a autoestima social do povo.

A derrota em 1950 também criou algumas superstições entre os brasileiros. Uma delas era evitar que goleiros negros defendessem a meta da seleção, pois não aguentariam a pressão.³² O negro Barbosa foi um dos crucificados pelo *maracanazo* e como pertencia a um grupo historicamente discriminado acabou transferindo esta culpa para os demais arqueiros negros. Outra crendice foi trocar a cor da camisa da seleção, já que o branco dava azar. Após um concurso para a escolha do novo uniforme em 1953 nasceu a mítica camisa amarela com golas verdes.

Apelidada de canarinho, a camisa amarela disputou sua primeira Copa do Mundo em 1954, na Suíça. Porém, quis o destino que a seleção brasileira encarasse nas quartas de final o então melhor time do mundo da época: a Hungria de Ferenc Puskas. Foi um jogo disputado e os húngaros levaram a melhor por 4 a 2. Após a partida aconteceu uma briga homérica nos vestiários envolvendo jogadores, jornalistas, árbitros e dirigentes. A confusão entrou para a história com o nome de

³² RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 290.

“Batalha de Berna”. No regresso do time ao Brasil, novamente pairou no ar uma sensação de inferioridade.

Esse constante sentimento de inferioridade acabou sendo definido como “complexo de vira-latas” pelo jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues em sua coluna na revista *Manchete Esportiva* no dia 31 de maio de 1958:

Por complexo de vira-latas entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo no futebol. [...] Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.³³

Através desta expressão, Nelson Rodrigues criticava o fato de o brasileiro ser excessivamente negativo e de nunca acreditar em si mesmo. O texto foi escrito uma semana antes do início da Copa do Mundo, mas apesar do tom crítico, tinha fé na seleção brasileira e acreditava que o time poderia ser campeão mundial na Suécia, mesmo com o fantasma do *maracanazo* ainda presente no imaginário popular. A expressão “complexo de vira-latas” foi tão marcante que é citada até os dias de hoje.

Ao mesmo tempo em que o brasileiro nutria um sentimento de inferioridade perante o mundo, havia uma sensação de esperança no ar. O país passava por um momento de euforia graças a abertura da economia para o capital externo e o crescimento econômico proposto pelo ambicioso Plano de Metas do governo de JK, que tinha na expansão industrial seu alicerce de crescimento.

O entusiasmo pela modernidade refletia-se também na construção da nova capital federal, a longínqua Brasília, incrustada no meio do território nacional e dotada de uma arquitetura modernista idealizada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Era também época da Bossa Nova, que conquistava jovens e o mundo com canções de Tom Jobim, Vinícius de Moraes e companhia sendo sucesso em paradas internacionais.

Faltava apenas a glória no futebol para completar esse sentimento de brasilidade. Atento aos acontecimentos e ciente de que o futebol brasileiro poderia enfim sagrar-se campeão do mundo em 1958, JK sabia que a conquista a Taça Jules

³³ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, p. 52.

Rimet poderia ser mais um fator positivo para o país e conseqüentemente para seu governo. Talvez o seu grande trunfo. Assim, ele buscou aproximar-se da modalidade e de seus ídolos:

[...] mesmo antes da Copa, estando sempre presente à tribuna de honra do Maracanã em jogos internacionais, imagem posteriormente reforçada pelas fotos tiradas ao pé do rádio, durante a Copa de 1958, e nos convites feitos ao pai de Garrincha, à noiva do jogador Vavá e à esposa de Didi pra ouvirem, em sua companhia, no Palácio do Catete, as transmissões dos jogos do Brasil.³⁴

O título mundial, que viria a se confirmar em 1958, ajudou o presidente em termos de popularidade. Afinal para muitos a aura de euforia de seu governo só começou de fato após a conquista da Copa do Mundo.³⁵

O Brasil começou o Mundial na Suécia sem empolgar, vencendo a Áustria e empatando com a Inglaterra. Na terceira partida contra a União Soviética o técnico Vicente Feola resolveu mexer no time. Pressionado pelos atletas mais experientes do grupo como Bellini, Nilton Santos e Didi e também pela imprensa,³⁶ o treinador colocou Pelé e Garrincha na equipe e dois mudaram o destino da seleção no torneio. Com a dupla o time passou a ter um futebol mais encantador, fantasioso e fez o brasileiro enfim acreditar que dessa vez a Taça Jules Rimet não iria escapar.

Após a vitória sobre os soviéticos com uma atuação soberba de Garrincha, que ficou conhecida como “os maiores três minutos da história do futebol”,³⁷ o Brasil superou País de Gales e França para voltar a uma final de Copa de Mundo depois de oito anos. Os rivais da vez seriam os suecos.

Porém, havia um problema. A Suécia também jogava com o mesmo uniforme do time brasileiro: camisa amarela e calção azul. Após um sorteio, foi definido que o Brasil teria que jogar com um uniforme alternativo. A cor branca, utilizada pela seleção até 1953, foi vetada. Ainda estava fresco na memória a trágica final de 1950 no Maracanã e a superstição brasileira se fez valer, afinal aquela cor traria azar. Restava optar por outra cor: azul ou verde.

³⁴ ANTUNES. “Com brasileiro não há quem possa!”, p. 226.

³⁵ CASTRO. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*, p. 184.

³⁶ CASTRO. *Estrela solitária*, p. 159-160.

³⁷ A frase foi cunhada pelo jornalista francês Gabriel Hanot, da revista France Football, que ficou impressionado com Garrincha, que nos primeiros três minutos de jogo cansou de driblar os rivais soviéticos e acertou a trave do lendário goleiro Lev Yashin.

O azul foi escolhido após Paulo Machado de Carvalho, chefe da delegação na Copa, afirmar que os jogadores deveriam ter fé porque azul era a cor do manto de Nossa Senhora Aparecida e que a santa iria abençoá-los na grande final.³⁸ Os dirigentes brasileiros então tiveram que improvisar. Saíram às ruas de Estocolmo e compraram camisas azuis, onde bordaram os números e o escudo da CBD.

Na final a seleção brasileira apresentou uma atuação de gala. O gol de Liedholm logo aos 4 minutos do primeiro tempo assustou os torcedores, que recordaram o drama do *maracanazo*, mas a seleção não sentiu o golpe. Virou o placar ainda no 1º tempo e venceu por 5 a 2. Enfim o brasileiro era um vencedor perante os olhos do mundo e o fantasma de 1950 estava exorcizado. Um resultado que coroava uma brilhante geração e alçava dois jovens ao status de lendas do futebol: Pelé e Garrincha, que juntos tornaram-se os maiores do futebol brasileiros e conseguiam abrir o caminho da vitória por mares nunca dantes navegados.³⁹

Aos 17 anos, Pelé conquistava o mundo e era coroado rei do futebol. Dotado de extraordinário talento, o craque conseguiu admiração não só dos brasileiros e da imprensa que cobriu a Copa como também do rei sueco Gustavo VI Adolfo que fez questão de ir até o gramado apertar sua mão ao fim da partida. Ao longo de sua gloriosa carreira, ganhou três Copas do Mundo, marcou mais de mil gols e imortalizou a camisa 10, que após sua aposentadoria dos gramados passou a ser o número destinado ao principal jogador do time no futebol brasileiro.

Segundo Nelson Rodrigues a maior virtude de Pelé era “sua imodéstia absoluta, pois sempre se punha acima de tudo e de todos”.⁴⁰ O irmão de Nelson, Mário Filho afirmava que “em Pelé se sentia toda a grandeza do futebol como paixão do povo, como drama, como destino”.⁴¹ Não a toa foi eleito o maior atleta do século XX e tornou-se um dos maiores símbolos do Brasil.

Se Pelé era o jogador completo, Garrincha era a fantasia. O jogador encantava com seus gingados e dribles desconcertantes. Ao longo da carreira ganhou diversos apelidos pela crônica esportiva como “demônio de pernas tortas” por infernizar os zagueiros adversários e “alegria do povo” por encantar os

³⁸ CASTRO. *Estrela solitária*, p. 172.

³⁹ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 328.

⁴⁰ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 43.

⁴¹ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 329.

torcedores com seus dribles. Para muitos era o sinônimo do que significava ser brasileiro. Tinha ginga, malícia, irreverência e malandragem. Encarava qualquer adversário sem medo.

O fato de ser mestiço, simplório, ter as pernas completamente tortas e origens indígenas fazia de Garrincha o exemplo perfeito do mestiço brasileiro vencedor, idealizado pelos adeptos das teorias do mito das três raças. Para Mário Filho ele era o “bobo que não era bobo, o bobo que era herói, o bobo que virava sabido”.⁴² Eduardo Galeano o definia como “o homem que mais deu alegria em toda a história do futebol”.⁴³ Mas nem mesmo uma vida de glórias nos gramados conseguiu impedir seu trágico destino: uma morte solitária e na miséria, consequência do alcoolismo. Um destino que tantos outros “Manés Garrinchas” anônimos tiveram.

O título mundial em 1958 enfim ratificou o futebol como patrimônio do Brasil. Ninguém jogava melhor do que o brasileiro. E esta expressão foi eternizada na canção “A Taça do Mundo é nossa”⁴⁴ que tinha como refrão “*A Taça do Mundo é nossa/Com brasileiro não há quem possa*”. Com a taça nas mãos o futebol tornava-se de vez um orgulho nacional. Nos 12 anos seguintes a seleção brasileira ganharia a Copa do Mundo mais duas vezes, em 1962 e 1970, criando a tradição do “país do futebol” e assumindo a modalidade como um de seus traços mais fortes de identidade nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto nas páginas anteriores, o processo de transformação do futebol como elemento da identidade nacional no Brasil se consolidou em um curto espaço de tempo. No período entre as Copas do Mundo de 1938 e 1958 ocorreu a massificação da modalidade através da imprensa e despertou a atenção e interesses de lideranças políticas. A conquista do tricampeonato mundial entre 1958 e 1970 e o orgulho cada vez maior pela seleção brasileira apenas reforçaram

⁴² RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 328.

⁴³ GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 106.

⁴⁴ Canção composta por Wagner Maugeri, Lauro Müller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô.

essa expressão de “país do futebol”. A modalidade pode não ter sido criada em terras brasileiras, mas talvez tenha sido no Brasil o lugar onde o futebol mais foi aperfeiçoado, despertando admiração dos fãs em todo o mundo.

Apoiando-se na teoria de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, o êxito do futebol brasileiro pode ser considerado como uma tradição inventada.⁴⁵ Afinal, estabeleceu-se e foi difundido rapidamente que o sucesso se deu graças a habilidade, talento e criatividade do jogador brasileiro, que é passado de geração para geração. Que começou com Friedenreich, passou por Leônidas da Silva até chegar em Pelé e Garrincha. E que continuou com outros craques que vieram em seguida como Rivellino, Zico, Romário, Ronaldo, Ronaldinho e Neymar.

Outra tradição inventada que podemos associar ao futebol brasileiro é o mito da técnica de se jogar bola. O famoso “joga bonito”, que até virou campanha publicitária da Nike, patrocinadora da seleção. A técnica do jogador nacional é algo único e natural, praticamente um dom que faz parte da genética do brasileiro.⁴⁶ Algo similar ao que aponta Marcel Mauss quando conclui que a “técnica é um ato tradicional eficaz e que não há transmissão se não houver tradição”.⁴⁷ Ou seja, para que o mito do estilo brasileiro de jogar futebol fosse criado deveria haver a tradição do Brasil ser o legítimo “país do futebol”.

Em uma época onde a questão de se assumir como um país multirracial onde todos conviviam em harmonia foi difundido por intelectuais e pelo Estado Novo na década de 1930, o futebol surgiu como instrumento ideal para este projeto de nação. Como prova é possível citar a valorização do homem negro e do mestiço através do esporte, cultuando figuras como Leônidas da Silva, Pelé e Garrincha.

O futebol foi entendido como um poderoso instrumento de identidade capaz de unificar país e gerar um forte sentimento de orgulho nacional. Essa valorização foi reforçada constantemente pela crônica esportiva através de figuras populares como Mário Filho, Nelson Rodrigues e José Lins Rego, que sempre valorizaram as qualidades atléticas do negro e do mestiço. Essa também foi uma forma de

⁴⁵ HOBBSAWM; RANGER. *A invenção das tradições*, p. 7-8.

⁴⁶ GIGLIO; MORATO; STUCCHI e ALMEIDA. O dom de jogar bola, p. 68.

⁴⁷ MAUS. *Sociologia e antropologia*, p. 407.

simbolizar a miscigenação como um importante traço cultural do jeito brasileiro, valorizando as características e reforçando a identidade nacional.⁴⁸

Parafrazeando Stuart Hall podemos dizer que “[...] não importa quão diferente seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural para representá-los todos como pertencendo à mesma grande família nacional”.⁴⁹

Ou seja, o futebol é um dos grandes símbolos da identidade brasileira tendo sido moldado ao longo dos tempos como importante fator de integração nacional e unindo os cidadãos em torno da seleção. Prova disso é o comportamento dos brasileiros durante as disputas das Copas do Mundo. Literalmente o país para e interrompe suas atividades para torcer e acompanhar os jogos da seleção, algo registrado desde a década de 1930.

Com mais de 120 anos de história desde os primeiros chutes na bola em território nacional é impossível desassociar o futebol do Brasil e o Brasil do futebol.

* * *

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. Uma leitura do futebol em São Paulo: a ginga, os territórios e as identidades. **Revista da Alesde**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 52-71, abr. 2013.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTUNES, Fatima Martins Rodrigues Ferreira. “**Com brasileiro não há quem possa!**”: Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BARRETO, Túlio Velho. Gilberto Freyre e o futebol-arte. **Revista USP**, São Paulo, n. 62, p. 233-238, jun.-ago. 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século Edições, 2003.

⁴⁸ ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES. Uma leitura do futebol em São Paulo: a ginga, os territórios e as identidades, p. 66.

⁴⁹ HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 35.

BRASIL. Decreto n. 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1941. Disponível em: <https://bit.ly/2RZkA5Q>. Acesso em 18 out. 2019.

CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DA MATTA, Roberto et al. **Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

ELIAS Norbert; DUNNING Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 2013.

GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. **Football suburbano e festivais esportivos**: lazer e sociabilidade nos clubes de subúrbio em Belém do Pará (1920-1952). Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA, Belém, 2016.

GIGLIO, Sérgio Settani; MORATO, Márcio Pereira; STUCCHI, Sérgio e ALMEIDA, José Julio Gavião de. O dom de jogar bola. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 67-84, jul.-dez. 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (Org). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade** – v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90** – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 7, n. 11, p. 144-161, jul. 1999.

MAUS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NEGREIROS, Plínio Labriola. Copa de 1938: rádio, festas nas ruas, cinema: torcendo pelos bravos legionários. **Ludopédio**. 06 dez. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/36YpHaK>. Acesso em: 17 out. 2019.

NOGUEIRA, Armando; SOARES, Jô; MUYLEAERT, Roberto. **A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PEREIRA, Camila Augusta; LOVISOLO, Hugo. 1938: O nascimento mítico do futebol-arte brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do (org). **Copa do**

Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 37-56.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 5ª edição. Mauad: Rio de Janeiro, 2010.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais:** crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SOUZA, Denaldo Achorne de. **O Brasil entra em campo!:** Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Editora Annablume, 2008.

ZWEIG, Stefan. **Brasil, um país do futuro**. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 2008.

* * *

Recebido para publicação em: 17 nov. 2019.
Aprovado em: 16 fev. 2020.